# A marca do analista*

*Maria Anita Carneiro Ribeiro*

Lacan, na Carta aos Italianos, diz o seguinte: "Não há analista senão quando esse desejo lhe vem, ou seja, que já por isso ele seja o dejeto da dita humanidade. Eu já disse: aí está a condição pela qual, por algum lado de suas aventuras, o analista deve levar a cabo".

A partir dos depoimentos apresentados no Fórum e do depoimento que eu própria apresentei no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e Juiz de Fora, gostaria de retornar a essa questão da marca do analista e articulá-la à emergência do desejo do analista. Os dois casos clínicos que foram apresentados, o da Elisabeth[1] e o da Rainer, têm em comum o fato de serem casos de histeria, e mais, de apresentar um momento de virada a partir da intervenção de um ato analítico que faz emergir o desejo do analista. Foi assim que escutei os dois depoimentos.

Nos dois casos, o ato analítico incide sobre um significante que aponta para atopia do sujeito do inconsciente, *na soleira* e *de fora*. Nos casos relatados esses significantes se encadeavam com a posição de exceção sempre presente na histeria. Porém, a minha questão é se esses significantes não apontam, também, para além da histeria, para a marca do rebotalho, que é a marca do analista. Essa é a minha pergunta. Chamou-me a atenção, bateu forte, *na soleira, de fora*; disse, é muita insistência. Tomo como contraponto o caso que apresentei, que é um caso de neurose obsessiva, no qual a exceção se torna excesso, *de mais* nos dois sentidos: no excesso de narcisismo e no excesso da sobra do resto. A exceção histérica tem também o seu lado claramente narcísico, que se manifesta no fato de que todas são rainhas: Raininha, Rainha Elisabeth.

A marca do resto, da sobra, do rebotalho, já estaria apontada de saída na ambigüidade presente do significante qualquer que determinou a escolha do analista. No primeiro caso, a pele branquinha de porcelana, à primeira vista designaria o lugar de Outra mulher, tal como a senhora K, cuja brancura fascinava Dora. A Outra mulher referida no caso, seria uma tia que ocupava na fantasia o lugar da mulher que tinha um saber sobre o sexo. Porém, era também o rebotalho da família, aquela cujo nome só se pronunciava às escondidas.

No segundo caso, a escolha do analista aparentemente se dá a partir de um nome que desperta respeito e admiração, um ideal paterno veiculado pela palavra da mãe. No entanto, é também o analista que vem *de fora*, designando que esse analista não faz parte do conjunto dos outros cinco analistas anteriores, é o um a mais, *de fora*. *Estrangeiro* é o significante que designa a escolha do analista no caso que uso para fazer contraponto, o caso de neurose obsessiva. A voz *estrangeira* que aparece no sonho de entrada em análise apontava para um significante qualquer que

* Intervenção no Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro em 23/09/99.

[1]. Ver neste número, "A experiência do passe na EBP" e Passe sob transferência - "Rainha do Conga"

havia determinado a escolha de dois analistas, com distância de 20 anos entre as duas análises, um forte sotaque. Nos dois casos de histeria, a virada que aponta para a emergência do desejo do analista se dá a partir de um ato que aparentemente vai na direção oposta à vacilação calculada da neutralidade, recomendada por Lacan em "Subversão do sujeito...", pois são atos que ratificam a exclusão do sujeito. Num dos casos, o analista mantém o sujeito *na soleira* e não o recebe: no outro, o analista deixa o sujeito esperando por horas, enquanto recebe outros pacientes, até fazê-lo entrar dizendo: "Agora você pode entrar", o que para o sujeito marcou um momento de escansão. Ela pode entrar quando está de fato *de fora* e não mais prisioneira da incondicional demanda de amor ao grande Outro.

No caso de neurose obsessiva, é uma interpretação que faz ato, na escansão de uma palavra que designava um sintoma do sujeito, a perambulação compulsiva. Ao escandir a palavra *Père – ambular*, o analista faz emergir a palavra estrangeira *Père*, na qual estava presa a demanda de amor ao pai, sempre morto na neurose obsessiva, mas compulsivamente buscado pelas ruas das cidades. O perambular devolvido para o sujeito de forma interrogativa opera entre o enigma e a citação, separando a enunciação do enunciado e abrindo a dimensão de semblante do Nome do Pai. Do pai ao *Père*, do pai ao pior, do pai ao estranho íntimo. O ato sintomático, a perambulação, revela a sua face defensiva, defesa contra o verdadeiro ato, aquele no qual o sujeito é abolido e ultrapassado.

Nesse caso, eu diria que o desejo do analista de alguma forma já havia surgido, na primeira análise, numa escolha decidida pela Psicanálise que nunca se confundiu com o desejo de apenas ser analista. A escansão do significante *Père – ambular* marcou no entanto uma virada na clínica desse sujeito obsessivo, precavido e cuidadoso, fazendo emergir o ato analítico com todo o escândalo que esse produz.

*Na soleira, de fora* e *estrangeiro*... Significantes que ao se esvaziarem do sentido que lhes dava consistência na cadeia a neurose de cada sujeito – surgem – isso é minha hipótese – como $S_1$s absolutos que designam a meu ver não apenas a atopia do sujeito, que não tem lugar nos significantes que o representam para outros significantes. Caso a minha hipótese se sustente, diria que esses significantes apontam para o lugar vazio a partir do qual o sujeito pode se oferecer como objeto e ser agido pelo ato na condução de uma análise para outro sujeito. Posição paradoxal e impossível de sustentar a menos que já se tenha franqueado alguns limites da estrutura. Eu quis trazer essas observações, porque me parece importante tentarmos extrair uma clínica a partir dos depoimentos do passe e também porque foram questões que me fizeram avançar nas minhas reflexões sobre a Psicanálise, ou seja, a partir dos depoimentos, houve uma transmissão que se depositou nos pontos que pude trazer para essa discussão.